

A sexualidade na interface educação em saúde e educação CTS: uma reflexão crítica da docência

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender experiências afetivas e de responsabilidade social de estudantes sobre a temática sexualidade na interface Educação em Saúde e Educação CTS, por meio de atividades crítico-reflexivas no Ensino Fundamental. De abordagem qualitativa, a pesquisa configurou-se como uma intervenção pedagógica realizada em uma escola particular com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, em aulas de Ciências, no interior do estado do Pará. Os dados foram produzidos a partir de relatos de aprendizagem elaborados pelos alunos em duas atividades, cujo material foi tratado à luz da Análise Textual Discursiva, emergindo duas categorias: (i) entre emoções, reflexões e criticidade: a construção de conhecimentos em Educação em Saúde/CTS; e, (ii) formação crítica e reflexiva para a responsabilidade individual e coletiva. Os resultados indicaram que a mobilização afetiva e de responsabilidade dos estudantes potencializaram a criticidade, a reflexão ética e o compromisso social ao favorecer debates sobre desigualdades de gênero, infecções sexualmente transmissíveis e gravidez precoce, além da construção do conhecimento científico, tecnológico, seu papel social e as relações de poder. Concluímos que práticas contextualizadas que integram debates sobre a sexualidade e saúde, ciência e tecnologia, aspectos afetivos e dimensão sociocultural são motores potenciais para a formação humanística, integral e cidadã dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; Educação em Saúde; Educação CTS; Educação para a Cidadania.

Dynayane Mayara Pereira Callou

dynayane.lima@iemci.ufpa.br
orcid.org/0009-0000-5772-9247

Universidade Federal do Pará (UFPA),
Belém, Pará, Brasil

**Soraia Valéria de Oliveira Coelho
Lameirão**

soraia@ufpa.br
orcid.org/0000-0001-8449-3823

Universidade Federal do Pará (UFPA),
Belém, Pará, Brasil

Sebastião Rodrigues-Moura

sebastiao.moura@ifpa.edu.br
orcid.org/0000-0003-4254-6960

Instituto Federal do Pará (IFPA) e
Universidade Federal do Pará (UFPA),
Belém, Pará, Brasil

Adriano Santos de Mesquita

drykosantos@gmail.com
orcid.org/0000-0002-4322-4560

Secretaria de Educação do Estado do
Pará (SEDUC/PA), Ananindeua, Pará,
Brasil

Sexuality at the interface of health education and STS education: a critical reflection on teaching

ABSTRACT

This article aims to understand students' affective experiences and sense of social responsibility regarding the theme of sexuality at the interface between Health Education and STS Education, through critical-reflective activities in Elementary School. The study adopted a qualitative, configured as a pedagogical intervention carried out in a private school with 8th-grade students during Science classes in the interior of the state of Pará, Brazil. Data were produced from learning reports written by students in two activities and analyzed using Discursive Textual Analysis, from which two categories emerged: (i) between emotions, reflections, and criticality: the construction of knowledge in Health/STS Education; and (ii) critical and reflective formation for individual and collective responsibility. The results indicated that students' affective engagement and sense of responsibility enhanced critical thinking, ethical reflection, and social commitment by fostering debates on gender inequalities, sexually transmitted infections, and early pregnancy, as well as promoting the construction of scientific and technological knowledge, its social role, and power relations. It is concluded that contextualized practices that integrate debates on sexuality and health, science and technology, affective aspects, and sociocultural dimensions constitute potential drivers for students' humanistic, holistic, and citizenship-oriented education.

KEYWORDS: Sexuality; Health Education; STS Education; Education for Citizenship.

INTRODUÇÃO

Em seu caráter multifacetado, a Educação em Saúde convergiu concepções da área da Educação e da Saúde para demarcar compreensões e posicionamentos político-filosóficos em relação à interação homem-sociedade na prática, diante de processos educacionais considerados dinâmicos e complexos (Venturi & Mohr, 2021). Nesse cenário, apontamos a Educação em Saúde como um campo emergente e fundamental para a formação cidadã dos estudantes na Educação Básica com foco em atividades voltadas a práticas de promoção à saúde, prevenção de doenças e formação crítica/autônoma.

Alinhada aos avanços de práticas educativas, a Educação em Saúde ganhou espaço para consolidar reflexões teóricas e metodológicas, ao incluir contribuições de outras áreas do conhecimento, que resultou em intervenções pedagógicas práticas e estratégias que ultrapassaram ações pontuais, além de sair da simples instrução e promover reflexões críticas (Marinho & Silva, 2018). Assim, a intenção de unir teoria e prática ganha sentido quando as propostas estão relacionadas a processos educativos para a vida, ao envolver as dimensões biológicas, socioculturais, éticas e de políticas públicas para a sociedade.

Em Ribeiro *et al.* (2021) e Massón *et al.* (2020), reforçamos que a Educação em Saúde deve superar a concepção hegemônica tradicional e behaviorista/determinista (dimensão biomédica, biologicista e tecnicista, por exemplo) e avançar para uma visão construtivista (dimensão interacionista, problematizadora e de reflexão crítica). Esse movimento materializa a *práxis* educacional, ao unir teoria e prática, em uma perspectiva dialética da educação, em que não se concebe a teoria sem prática ou a prática sem teoria, cuja intencionalidade pedagógica requer escolhas conscientes, tomada de decisão e responsabilidade social.

Desse processo, contextualizamos a Educação em Saúde no âmbito escolar e social, além dos espaços não escolares, cujo papel dos professores e das instituições deve ser de provocar e mediar os saberes científicos, os saberes da população, práticas socioculturais, cuidados sobre o corpo, o bem-estar, a prevenção da saúde e a reflexão crítica, coerentes e alinhados aos objetivos e à missão da própria instituição escolar (Marinho & Silva, 2018; Venturi, 2022). A grande problemática ainda reside em estas ações serem, geralmente, desenvolvidas pelos professores de Ciências ou em campanhas escolares envolvendo profissionais da saúde, com atividades totalmente desconexas da vida contemporânea dos sujeitos, meramente instrutivas, de paradigmas comportamentais e que ainda surtem poucos efeitos na formação cidadã.

Apesar de avanços, a ineficiência de propostas e atividades educacionais ainda perdura no espaço escolar, seja por parte dos estudantes, da família e até mesmo da instituição (professores, gestores etc.), o que dificultam trabalhos mais concretos de uma *práxis* que englobe os desafios atuais da sociedade como a desinformação, o combate às notícias falsas, os tabus, a forte influência das diversas mídias, as desigualdades sociais, a sexualidade na adolescência, as emoções e afetos, as vulnerabilidades socioeconômicas e culturais, os preconceitos e violências, dos mais diversos tipos e perfis.

Paula e Miranda (2020) destacam a necessidade de programas e ações educativas/informativas/formativas nas escolas, sobretudo de forma emancipatória

que, com isso, apontamos aqui, práticas pedagógicas alinhadas às perspectivas críticas da Educação em Saúde por demandarem atenção às relações estabelecidas no próprio contexto escolar. Ainda, Rodrigues *et al.* (2026) indicam que as interações entre professor e estudantes influenciam diretamente a organização das práticas didáticas, por possibilita adaptações metodológicas e a construção de espaços de debate sobre questões sociocientíficas relevantes.

Nesse sentido, ao discutir temas relacionados à sexualidade na interface entre Educação em Saúde e Educação CTS, ampliamos os horizontes dessa pesquisa para essa compreensão ao evidenciar que a mobilização afetiva e o senso de responsabilidade social dos estudantes podem potencializar processos de reflexão crítica, ao favorecer debates sobre desigualdades de gênero, infecções sexualmente transmissíveis (IST) e gravidez precoce, bem como sobre o papel social da ciência e as relações de poder que permeiam tais questões.

Do exposto, situamos a temática da sexualidade como parte indissociável da saúde humana, como definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em termos de sua integridade física, mental e social, alinhada ao foco da Educação em Saúde voltada para que os indivíduos saibam tomar decisões conscientes, seja individual ou coletivamente, em busca de melhorias das condições de saúde e do ambiente. Disso, frisamos a escassez de espaços educativos que promovam o diálogo aberto e acolhedor sobre sexualidade, a partir das experiências e sentimentos dos próprios estudantes, o que evidencia a necessidade de repensar as práticas pedagógicas das instituições escolares.

Trabalhar com a temática sexualidade na Educação Básica não se limita a debates ou discussões sobre a reprodução humana ou a riscos sobre as relações sexuais e infecções sexualmente transmissíveis. Ao contrário, esse tabu pedagógico denota certa resistência dos próprios professores em suas práticas, devido ao contexto em que atuam, à relação escola-família, dentre outras situações internas/externas (Mosquera & Garcia, 2021). Apontamos que esse tema envolve a afetividade, sentimentos e emoções, o conhecimento do/sobre o corpo, debates sobre gênero e identidade, além das relações socioculturais existentes. Ao integrar a dimensão afetiva aos processos de ensino-aprendizagem, ocorre a contribuição para uma formação de sujeitos crítico-reflexivos, mais conscientes de si, dos outros e das relações sociais que os constituem.

Reconhecemos a importante contribuição teórica que áreas como a Educação Sexual, a Educação para a Sexualidade, a Educação em Sexualidade ou correlatos têm dado aos estudos e pesquisas desenvolvidos que, inclusive, dão base para sustentar nossas reflexões. Entretanto, nesse trabalho essas abordagens são compreendidas como uma dimensão da saúde para lidar com emoções e afetos de adolescentes que necessita ser problematizada no âmbito da Educação em Saúde. Ao tratar a sexualidade como fenômeno complexo, atravessado por normas sociais, relações de poder e experiências subjetivas, esta pesquisa dialoga com os pressupostos de uma Educação em Saúde crítica, que busca transcender o modelo dominante nas escolas e fomentar práticas pedagógicas que possam promover a saúde, concebida para a emancipação, a autonomia e a reflexão, na perspectiva da educação crítica (Nogueira *et al.*, 2022), de modo que o diálogo e a participação estejam no centro desse processo.

A aproximação da temática sexualidade em Educação em Saúde crítica é assumida na perspectiva da Educação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), amplamente discutida nas escolas brasileiras, ao favorecer práticas interdisciplinares de transformação social, de promoção do pensamento crítico e criativo, da alfabetização científica e tecnológica, bem como formar estudantes para a cidadania, para a tomada de decisões conscientes e responsabilidade social (Schwingel *et al.* 2022). Defendemos que a escola, como um espaço privilegiado de socialização e construção de saberes, deva ser capaz de reconhecer e trabalhar a temática por meio de reflexões que envolvam as emoções como medo, vergonha, empatia e indignação, compreendidas como elementos que favorecem o desenvolvimento da reflexão crítica.

Como questão de pesquisa assumimos: que sentimentos de afetividade e responsabilidade são mobilizados por estudantes do Ensino Fundamental em práticas pedagógicas sobre sexualidade na Educação em Saúde na perspectiva crítica? Ao nos propormos nesse desafio investigativo sobre discutir sexualidade na Educação em Saúde por meio da Educação CTS, a nossa intencionalidade pedagógica pressupõe: (1) relacionar conhecimentos científicos em contextos reais e problemáticas socialmente relevantes; (2) envolver debates sobre saúde, sentimentos e responsabilidades na formação humana e cidadã; e, (3) promover a autonomia, tomada de decisão e protagonismo dos estudantes para a construção de sentidos sobre saúde e sexualidade.

Lidar com a temática sexualidade no Ensino Fundamental ainda é um desafio permeado por silenciamentos, desconfortos e resistências (Egypto, 2012; França Filha, 2021). Nas práticas pedagógicas escolares, prevalece uma abordagem predominantemente biomédica, centrada em riscos, prevenção de doenças e aspectos reprodutivos. Tal perspectiva, embora relevante em determinados contextos, tende a negligenciar as dimensões subjetivas, socioculturais e afetivas que compõem a vivência da sexualidade, sobretudo entre adolescentes. Essa lacuna contribui para a manutenção de estereótipos de gênero, preconceitos e desinformação, limitando a possibilidade de uma reflexão sobre sexualidade de forma crítica e emancipatória (Schwingel *et al.* 2022).

A interface proposta para a temática sexualidade na Educação em Saúde por meio da Educação CTS, em uma perspectiva pedagógica e crítica, é potencial, pois propicia: (i) a formação de estudantes críticos e responsáveis; (ii) a superação de abordagens biologizantes e/ou moralizantes; (iii) uma problematização crítica sobre a sexualidade; (iv) uma abordagem sobre direitos humanos, responsabilidade e ética cidadã; (v) uma prática pedagógica inovadora para (re)pensar a formação docente; (vi) a produção de materiais pedagógicos para a prática de sala de aula; e, (vii) a participação estudantil, a construção de diálogos e a corresponsabilidade nas relações sociais.

Nesses termos, assumimos como objetivo geral o de compreender experiências afetivas e de responsabilidade social de estudantes sobre a temática sexualidade na interface Educação em Saúde e Educação CTS, por meio de atividades crítico-reflexivas no Ensino Fundamental. Especificamente, ainda visamos: (a) analisar as vivências formativas sobre afeto e emoções dos estudantes sobre sexualidade, construídas em práticas de Educação em Saúde, de forma crítica; e, (b) investigar como os estudantes percebem a responsabilidade consigo mesmos

e com os outros nas relações sociais de práticas que abordam a temática sexualidade.

Para tanto, essas vivências foram desenvolvidas com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola privada no interior do estado do Pará, realizada por meio de uma intervenção pedagógica sobre a temática sexualidade, na perspectiva de contribuir para a construção de saberes críticos e reflexivos sobre sexualidades, mas também envolvendo debates incipientes sobre relações de gênero e da saúde sexual e reprodutiva. Assim, ao investigar a aprendizagem sobre sexualidade, este estudo busca contribuir para o fortalecimento de abordagens educativas comprometidas com a formação integral dos estudantes, ao reconhecer a força das vivências afetivas como disparadoras de saberes críticos, reflexivos e emancipatórios.

PERCURSOS METODOLÓGICOS ASSUMIDOS

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio da abordagem qualitativa, com viés interpretativo (Moraes & Galiuzzi, 2016) por possibilitar a investigação de aspectos como emoções, crenças e representações, além de exigir uma escuta atenta à complexidade das interações socioculturais que permeiam o processo educativo, sobretudo com adolescentes.

Quanto aos objetivos, caracterizamos como uma pesquisa descritiva de natureza interpretativa voltada à compreensão de como as emoções vivenciadas pelos estudantes durante uma proposta pedagógica sobre a temática sexualidade contribuíram para a construção de saberes críticos e reflexivos sobre as relações de gênero e saúde. Desse modo, buscamos descrever e interpretar concepções e percepções que emergem do processo investigativo, ao aprofundar debates e reflexões que estruturam os caminhos subjetivos dos dados qualitativos.

Como processo de (re)pensar a transformação de práticas educativas por meio da ação investigativa da própria prática, assumimos a pesquisa do tipo intervenção pedagógica, em Damiani *et al.* (2013), quanto aos procedimentos, por entendermos que esse encaminhamento permite a produção de conhecimento em contexto real de sala de aula, amplia debates com possíveis benefícios práticos, promove melhorias nos espaços escolares diante dos resultados obtidos, subsidia decisões pedagógicas com base em mudanças de práticas educacionais e compreende a prática pedagógica como espaço de transformação social.

Essa intervenção foi realizada por meio do planejamento, elaboração e implementação de uma Unidade de Ensino Potencialmente Significativa – UEPS (Moreira, 2011), em uma escola da rede privada localizada no município de Castanhal-PA, em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental. A escolha da instituição teve caráter estratégico, considerando o vínculo já estabelecido entre a professora titular (primeira autora do artigo) e a escola. A escola atende turmas da Educação Infantil ao Ensino Médio, com cerca de 300 estudantes no turno diurno.

Optamos por não apresentar toda a UEPS, que é mais ampla e completa, e centramos esta pesquisa apenas na produção de relatos de aprendizagem desenvolvidos ao final da intervenção pedagógica, nos quais os estudantes puderam expressar suas percepções, sentimentos e compreensões sobre o processo viven-

ciado. Complementarmente, foram consideradas as anotações reflexivas da professora, registradas durante os encontros, com o objetivo de contextualizar os dados e enriquecer a análise. Dentre as atividades realizadas durante a intervenção, destacam-se duas, que foram retomadas pelos discentes quando, ao final da unidade de ensino, escreveram seu relato de aprendizagem. Trata-se da exibição do documentário “Meninas” – que acompanha a vida de quatro adolescentes grávidas, no subúrbio do Rio de Janeiro – e da realização de uma dinâmica intitulada “bebê balão” – na qual os discentes recebem a missão de cuidar de um balão como se fosse um bebê. E, ao final de uma semana, precisam devolver o balão “com vida”.

Da proposta teórico-metodológica assumida, a análise dessas atividades é justificada pelo fato de termos considerado mais elementos que estão associados à interface da temática sexualidade na Educação em Saúde por meio da Educação CTS, como apresentamos na Tabela 1.

Tabela 1

Relações estabelecidas na proposta teórico-metodológica das atividades

Atividades propostas	Temática sexualidade	Educação em Saúde	Educação CTS
Documentário “Meninas”	Traz relações reais da gravidez na adolescência, as relações afetivas, maternidade e gênero.	Problematiza a gravidez precoce, a saúde sexual, os cuidados com o corpo e as relações socioemocionais.	Problematiza um tema socialmente relevante com implicações sociais e econômicas na vida dos jovens.
Dinâmica “bebê balão”	Aborda simbolicamente a maternidade, as responsabilidades afetivas e as consequências de nossas escolhas.	Incentiva cuidado, autocuidado, prevenção e responsabilidade da vida e saúde sexual.	Coloca os estudantes em uma situação real-simulada frente ao papel dos conhecimentos científicos, tecnológicos e da sociedade.

Fonte: Autoria própria (2025).

Os relatos produzidos pelos estudantes foram tratados à luz da Análise Textual Discursiva (ATD), por ser uma metodologia de pesquisa especialmente apropriada para interpretar sentidos produzidos em contextos educacionais (Moraes & Galiuzzi, 2016). Essa metodologia permitiu desconstruir os textos para identificar unidades de significado, reorganizá-las em categorias e promover a emergência de compreensões mais profundas sobre os fenômenos investigados. A ATD é um processo auto-organizado de construção de compreensão, composto por três movimentos principais: (a) unitarização: fragmentamos os textos do *corpus* em unidades de sentido; (b) categorização: reagrupamos essas unidades por similaridades; e, (c) captação o novo emergente: momento em que produzimos uma síntese interpretativa, em forma de metatexto, ancorada teoricamente.

Para preservar a identidade dos estudantes que participaram da pesquisa, eles foram referenciados utilizando uma codificação construída a partir das seguintes informações: a letra *R* que indica tratar-se da atividade Relato, seguida de um

número que vai de 1 a 10 (número sequencial que indica o quantitativo de estudantes que contribuíram com a pesquisa); *US* que indica Unidade de Significado (ou seja, os fragmentos que julgamos relevantes para a discussão ora proposta, seguido de um número que se refere a sequência de fragmentos retirados de um único relato); por fim, utilizamos as letras *F* ou *M*, para indicar o gênero, seguidas de um número que indica a idade do estudante. Exemplo: R1US1F13, indica que é a unidade de sentido 1 (US1) do primeiro relato (R1) de uma estudante, sexo feminino, de 13 anos (F13).

Em um primeiro momento, de posse do material empírico, foram analisados os textos produzidos na intervenção pedagógica denominada *Relato de Aprendizagem* e a primeira etapa desse processo analítico consistiu na unitarização que envolveu a leitura intensiva dos relatos, a fragmentação do material em unidades elementares de significado e a identificação das ideias-chave expressas pelos estudantes. Em seguida, essas unidades de sentido foram agrupadas em categorias que, ao serem organizadas, resultaram em duas categorias finais, as quais deram origem a dois metatextos, que compoem as discussões dessa pesquisa.

Vale ressaltar que a escolha da ATD como referencial para a análise dos dados se justifica pela sua capacidade de acessar não apenas os conteúdos explícitos dos relatos, mas também os modos como os estudantes constroem discursivamente seus saberes e sentimentos, ao revelar os nexos entre emoção, cognição e criticidade no processo de aprendizagem da sexualidade. Esse movimento de compreensão possibilitou estruturar as unidades de significado (unitarização) e distribuí-las em categorias (categorização), conforme apresentado na Tabela 2, a seguir.

Tabela 2

Fluxo de análise das narrativas para a organização em categorias

Unidades de significado	Categorias iniciais	Categorias finais
(R1US1F13) “Diante disso tudo, me senti um pouco triste. Por ver como meninas da minha idade agem hoje em dia. E um pouco enjoada, por ver algumas das imagens das doenças.”	Vivências afetivas de impacto	Entre emoções, reflexões e criticidade: a construção de conhecimentos em Educação em Saúde/CTS
(R2US1F13) “Ao estudar sobre as IST, tive nojo pelas imagens, porém gostei de aprendê-las, pois agora sei como me prevenir e prevenir os outros.”		
(R3US1M13) “[...] quando estudei sobre IST me senti um pouco constrangido, mas foi preciso para o meu conhecimento.”		
(R4US1F13) “O documentário me surpreendeu muito vendo como realmente é a gravidez na adolescência.”		
(R5US1F13) “[...] pensei foi como ficou o psicológico das meninas grávidas com menos de 18 anos. Fiquei bastante triste pelo fato de ainda acontecer isso hoje em dia e bem pior.”	Construção de criticidade e empatia	

Unidades de significado	Categorias iniciais	Categorias finais
(R4US2F13) “[...] O documentário Meninas, eu assisti e me senti realmente angustiada pelas idades, pela forma de pensar, se comportar e o parceiro das meninas serem sempre mais velhos [...]		
(R6US1M13) “Foi uma experiência bem divertida e única, cuidar do bebê balão, porque eu entendi que não é fácil cuidar de um bebê.”	Percepção de responsabilidades	Formação crítica e reflexiva para a responsabilidade individual e coletiva
(R7US1M13) “Quando precisamos cuidar do bebê balão, eu me senti com uma responsabilidade enquanto cuidava dele em casa.”		
(R2US2F13) “Ao cuidar do balão, pude entender como um pai se preocupa com o filho, sempre quando saía sem ele, ficava preocupado, minha irmã poderia estourá-lo, ele poderia sumir e etc.”		

Fonte: Autoria própria (2025).

Na seção a seguir, apresentamos os resultados e discussões, organizados em dois metatextos, que se constituem na interpretação aprofundada das categorias emergentes à luz de referenciais teóricos alinhados com esta investigação. Reforçamos que esta pesquisa é um recorte de uma mais ampla a qual, para assegurar o rigor ético, foi submetida, em todas as suas etapas, à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pará (UFPA), sob o número 84429124.7.0000.0018, que possui parecer favorável.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos Relatos de Aprendizagem permitiu identificar os sentidos construídos pelos estudantes ao longo da intervenção pedagógica sobre sexualidade, revelando como as vivências emocionais estiveram profundamente entrelaçadas ao processo de aprendizagem crítica. A partir da ATD, emergiram duas categorias finais, as quais passamos a debater: (i) Entre emoções, reflexões e criticidade: a construção de conhecimentos em Educação em Saúde/CTS; e, (ii) Formação crítica e reflexiva para a responsabilidade individual e coletiva.

ENTRE EMOÇÕES, REFLEXÕES E CRITICIDADE: A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS EM EDUCAÇÃO EM SAÚDE/CTS

O entendimento das relações sentimentais sobre sexualidade é bastante amplo e, a nosso ver, sugere que o trabalho pedagógico exija “[...] revisão de conceitos, superação de preconceitos e estereótipos, um olhar reflexivo sobre a própria sexualidade, lidar com tabus, medos, vergonhas. Exige dedicação e estudo” (Egypto, 2012, p. 9). Nessa compreensão mais ampla, o desenvolvimento da temática também exige de nós, educadores, sensibilidade quanto à diversidade de emoções que crianças e adolescentes manifestam na interação com o outro. Cuidar dessas emoções nunca foi tarefa fácil. Entretanto, especialmente na escola –

ambiente acadêmico de construção de saberes – temos a possibilidade de lapidar essas emoções para uma vivência saudável da sexualidade. Ainda segundo Egypto (2012, p. 16), “a escola é um lugar onde se está discutindo conhecimento, onde se está produzindo diálogo e reflexão. É, portanto, um espaço privilegiado para discutir a sexualidade com crianças e adolescentes”.

Da análise, identificamos que os estudantes expressaram reações emocionais imediatas ao entrar em contato com conteúdos sensíveis, imagens e discussões acerca das IST e gravidez precoce. Sentimentos como tristeza, nojo, enjoo, constrangimento, angústia e surpresa foram evidenciados nos textos, apontando para a intensidade emocional mobilizada ao longo do processo. Nessa perspectiva, uma estudante relatou que “diante disso tudo, me senti um pouco triste. Por ver como meninas da minha idade agem hoje em dia” e destacou a experiência de mal-estar: “E um pouco enjoada, por ver algumas das imagens das doenças” (R1US1F13).

As emoções manifestadas pelos estudantes durante o contato com conteúdos sensíveis sobre sexualidade demonstram uma dimensão afetiva que é intrínseca da Educação em Saúde, por saber que cuidar dessas emoções não é uma tarefa trivial ou corriqueira, mas que exige do professor a promoção de uma compreensão mais global sobre a saúde dos adolescentes, ao envolver questões relacionadas a aspectos físicos, sociais, éticos e psicológicos. Esta ação nos revela que se trata de uma prática pedagógica antecipada com elementos que focam em ações preventivas em relação às IST de uma forma mais eficaz, tal como asseguram os estudos de Spindola *et al.* (2021) os quais citam que o uso de preservativos, mesmo que com parceiros casuais possui, dentre outras vantagens, a prevenção de IST e de gravidez indesejada.

Acreditamos que a sexualidade e as emoções estão muito conectadas, uma influenciando a outra e com impacto social na vida dos jovens. A maneira como vivemos e expressamos nossa sexualidade é influenciada por nossos sentimentos, e, por sua vez, nossas emoções podem ser impactadas por nossas experiências e atitudes relacionadas ao sexo. Sabe-se que a sexualidade não se resume apenas à atração e ao desejo; ela também envolve sentimentos, pensamentos e comportamentos que podem estar ligados ao sexo, e tudo isso pode afetar o nosso bem-estar emocional.

A partir de Guimarães e Cabral (2022), tensionamos que práticas educativas e os discursos existentes sobre sexualidade frequentemente reproduzem normas hegemônicas, preconceitos e moralidades tradicionais, que podem gerar sentimentos ambivalentes, conflitos internos e emoções negativas como ansiedade, medo e sofrimento entre os jovens ao lidarem com sua sexualidade. Em Educação CTS foi possível ampliar esse debate por meio de conhecimentos científicos sobre sexualidade e saúde, de modo a problematizar o contexto sociocultural dos adolescentes, sendo possível relacionar as informações científicas das IST com os métodos contraceptivos e o desenvolvimento sexual em situações reais. Isso trouxe à tona um debate sobre os impactos sociais, tecnológicos e éticos das decisões sexuais, ao conectar ciência, sociedade e responsabilidades pessoais, evidenciando que a prática promoveu uma reflexão crítica para transformar as vivências emocionais em aprendizagens cidadãs e transformação social (Carneiro *et al.*, 2022).

As reações de nojo, já acima debatidas, foram recorrentes e também apareceram com frequência, como se observa no relato: “Ao estudar sobre as IST, tive nojo pelas imagens, porém gostei de aprendê-las, pois agora sei como me prevenir e prevenir os outros” (R2US1F13). Nos termos em que consideramos essa reação como uma sensação emotiva dos estudantes, como primitiva e de aversão, em Vygotsky (*apud* de Faria & de Camargo, 2024) temos a definição de que as emoções são dinâmicas, transformadoras e carregam um caráter subjetivo e histórico-cultural, moldadas pela interação com o ambiente social e pelos significados atribuídos a essa experiência singular. E na escola temos um ambiente propício para se trabalhar com essas reações sobre sexualidade, na forma de desenvolver valores, atitudes e comportamentos, além de ser uma forma de apropriação do conhecimento (Marinho & Silva, 2018).

Escrevendo sobre saúde emocional nas escolas como pilar essencial para uma educação inclusiva e transformadora, Carneiro *et al.* (2025) apontam que as práticas pedagógicas que acolhem as emoções contribuem para formar cidadãos críticos, resilientes e empáticos, preparados para interagir de modo responsável e solidário na sociedade. Guimarães e Cabral (2022), refletindo sobre o impacto das normas sociais hegemônicas nas emoções e identidades dos jovens, destacam como experiências emocionais de exclusão, medo, ansiedade e sofrimento estão relacionadas às dúvidas sobre a sexualidade, estigma, discriminação, e ansiedade vividos por jovens que não se encaixam nas normas sociais tradicionais.

Na perspectiva da Educação em Saúde, essas reações emergem como uma oportunidade para se trabalhar habilidades socioemocionais e estimular a construção de conhecimentos sobre as IST e a gravidez precoce. Corroborando com Marinho e Silva (2018), reforçamos que é um momento em que o professor deve evitar trabalhar apenas com o ensino de conceitos e definições sobre o assunto, mas provocar uma aprendizagem que se estabeleça na compreensão, na forma como afeta e atinge os adolescentes, como acontece e o que pode ser feito, cujas atividades sistematizadas vão para além dos muros da escola e são elementos intrínsecos de formação para a vida e para a cidadania.

Ao reconhecer a força da temática sexualidade na imaginação e na vida afetiva dos estudantes, a experiência busca transformar-se em uma aprendizagem crítica e saudável. Disso, foi possível discutir como os fatores sociais, culturais e tecnológicos influenciam os comportamentos humanos acerca das questões sexuais, como forma de promover debates críticos e de consciência ética. Ao lidar com a definição de Educação CTS em comparação com outras perspectivas, Andrade e Teixeira (2025, p. 15) reforçam que o papel da escola, em uma concepção de educação emancipadora, deve ter como compromisso “envidar esforços para que a prática educativa esteja sintonizada com os interesses da população pela transformação da sociedade”.

Amparados em Carneiro *et al.* (2025) reconhecemos também o impacto das dificuldades emocionais dos estudantes no processo formativo, como ilustra: “Quando estudei sobre IST me senti um pouco constrangido, mas foi preciso para o meu conhecimento” (R3US1M13). Assim, percebe-se que o impacto afetivo inicial contribuiu para a construção de sentidos mais elaborados e engajados sobre a sexualidade. Observamos que esses relatos apontam para um movimento refle-

xivo que vai além da experiência individual, evidenciando um olhar crítico e empático em relação a desigualdades de gênero, vulnerabilidade social e gravidez na adolescência.

Esse deslocamento é visível nas falas em que os estudantes demonstram preocupação com a realidade de meninas de mesma idade ou mais novas. Por exemplo, uma aluna escreveu: “Pensei foi como ficou o psicológico das meninas grávidas com menos de 18 anos. Fiquei bastante triste pelo fato de ainda acontecer isso hoje em dia, e bem pior” (R5US1F13). Outra mencionou a angústia ao assistir ao documentário: (R4US2F13) “O documentário Meninas, eu assisti e me senti realmente angustiada pelas idades, pela forma de pensar, se comportar e o parceiro das meninas serem sempre mais velhos.” A surpresa diante da realidade retratada também foi destacada: “O documentário me surpreendeu muito vendo como realmente é a gravidez na adolescência” (R4US1F13). Esses relatos revelam que a aprendizagem foi além do acúmulo de informações, favorecendo uma consciência crítica sobre questões sociais que envolvem a sexualidade, como desigualdade de gênero, maternidade precoce e abandono escolar.

Do exposto, apontamos que a Educação em Saúde articulada à Educação CTS não se limita a simples transmissão de conceitos ou instruções, mas que reverbera em diálogos, emoções, sentimentos de empatia e cuidado com o outro, de forma crítica e reflexiva, na forma de construção mais elaborada do conhecimento científico, o que nos reporta a enfatizar que os debates não ficam somente em trabalhar informações sobre IST e gravidez precoce, mas que isso envolve uma série de dimensões (afetiva, ética, social, política etc.) capazes de promover uma aprendizagem integral. Figueiredo *et al.* (2010, p. 120) reiteram que os modelos tradicionais de Educação em Saúde não desapareceram, mas, à luz da literatura, tem emergido um modelo dialógico, com vantagens para a “a construção coletiva do conhecimento, proporcionando aos indivíduos uma visão crítica-reflexiva da sua realidade, co-responsabilizando-o e capacitando-o para a tomada de decisões relativas à sua saúde”.

Da análise, defendemos que:

- as reações afetivas dos estudantes que lhes causam emoção são catalizadoras para a construção de sentidos sobre sexualidade e reforçam o papel da Educação em Saúde sobre trabalhar para além da instrução, ao conectar debates críticos e reflexivos sobre IST e gravidez na adolescência;
- as vivências formativas mobilizadas nos estudantes extrapolaram a experiência individual e desenvolveram um olhar crítico sobre questões sociais, desigualdade de gênero, maternidade na adolescência e vulnerabilidade entre jovens, favorecendo a construção de empatia e ética social; e,
- discutir a sexualidade, cujo conhecimento está atrelado a aspectos científicos e tecnológicos, promove reflexão e tomada de decisão consciente sobre como agir e as escolhas que assumimos, incorporando valores, atitudes e comportamentos humanos para o bem-estar em sociedade.

Portanto, ao vivenciarem emoções de empatia e indignação, os estudantes foram conduzidos a problematizar as condições que favorecem essas situações,

demonstrando que o componente afetivo potencializou a formação de uma postura mais crítica e reflexiva. Logicamente, sabemos que o professor precisa criar uma intencionalidade pedagógica que estabeleça esses debates, mas que a aprendizagem dos estudantes será um reflexo de como as suas atividades na promoção de uma Educação em Saúde na escola ocorra de forma dinâmica, ampliada e com formação crítica, em uma postura emancipatória e cidadã.

FORMAÇÃO CRÍTICA E REFLEXIVA PARA A RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E COLETIVA

Entendemos que a sexualidade envolve mais do que apenas o ato de ter relações sexuais. Ela inclui a maneira como as pessoas se sentem em relação ao sexo, suas orientações sexuais, os sentimentos que têm pelos outros e também como percebem a si mesmas como seres sexuais, sob uma responsabilidade individual e coletiva (Guimarães & Cabral, 2022). Acreditamos que a sexualidade é uma combinação de fatores físicos, emocionais e afetivos que fazem parte da nossa vida: a sexualidade de cada indivíduo, assim como nascer e morrer, também é um processo biológico e natural. Neste sentido, sob o ponto de vista biológico, a sexualidade define parte da personalidade de cada um.

Na vivência prática proporcionada pela atividade do “bebê balão” estimulamos a percepção concreta de responsabilidades parentais. Relatos como: “Foi uma experiência bem divertida e única, cuidar do bebê balão, porque eu entendi que não é fácil cuidar de um bebê” (R6US1M13) evidenciam o caráter pedagógico da simulação. No sentido atribuído por Foucault (1993) à sexualidade, ela deixa de ser vista como simplesmente algo natural e passa a ter uma dimensão mais social e política, além de um caráter construído (Louro, 2010). Também há de se considerar que a sexualidade abrange rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções; portanto, são processos culturais e plurais não estando relacionados a algo exclusivamente natural. Na forma como a atividade foi conduzida, apropriamo-nos de uma experiência para que os adolescentes pudessem entender que a sexualidade é algo natural aos seres humanos porque todos nascemos seres sexuais, mas ao mesmo tempo ela é histórica, política e socialmente construída, porque somos seres sociais que vivemos em uma sociedade com uma cultura, com valores e regida por relações de poder.

Ao considerar a sexualidade como uma dimensão complexa da vida humana, a Educação em Saúde compreende a sexualidade como um fenômeno mais amplo e integral para que as experiências conduzam os estudantes a refletir sobre si, sobre o outro e suas relações, por meio das responsabilidades individuais e coletivas que são negociadas. Essas atitudes pedagógicas revelam o papel do professor e o caráter multifacetado da Educação em Saúde com práticas de transformação das representações desenvolvidas por meio da experiência, aqui entendida como “campo em que se entrecruzam representações e práticas; subjetividade e objetividade; pensamento e ação; corpo e mente” (Gazzinelli *et al.*, 2005, p. 204).

Essas experiências são tidas como um dos objetivos da Educação em Saúde quando se propõe um currículo que atenda as necessidades e interesses da escola, sobretudo quando as aprendizagens vivenciadas podem ser aprimoradas com conhecimentos científicos em benefício da própria saúde. Nesse sentido, tendo

espaço no currículo escolar, Marinho e Silva (2018, p. 729) defendem que pode vir “a contribuir para a construção de conhecimentos nos indivíduos e ajudá-los a compreender melhor o mundo, bem como se relacionarem melhor com os assuntos correlatos com a sua saúde e a dos outros”.

Reforçamos a necessidade de discutir temáticas sobre Educação em Saúde no currículo escolar da Educação Básica como uma demanda emergente de uma formação crítica dos estudantes. E pensar a sexualidade nessa dinâmica não nos parece adequado – apesar de alguns movimentos transversais para se trabalhar com temáticas da Educação em Saúde – haja vista a sua vinculação direta com a formação humana integral para a vida dos adolescentes. Por isso, é preciso ir além com propostas efetivas e lutas de integração ao currículo das instituições escolares.

A atividade sobre o “bebê balão” é considerada como uma prática exitosa para que haja envolvimento dos estudantes e eles possam ser colocados em um cenário, mesmo que simulado, de responsabilidade e coautorias de suas escolhas relativas à sexualidade, diante de compromissos parentais e afetivos. Ao cuidarem de um bebê simbolicamente, os estudantes experimentam a complexidade do cuidado com o outro e da atenção indispensável. Essa experiência torna concreta a vivência emocional de pensar sobre a gravidez precoce, a vida social e as dimensões afetivas que lhes são inerentes.

Ao ampliar o debate em Educação CTS, observamos que as decisões, os comportamentos sexuais e as responsabilidades assumidas estão relacionadas ao contexto social, cultural e tecnológico dos estudantes, em que a sexualidade passa a não ser vista somente como um elemento biológico e natural, mas de um fenômeno historicamente construído pela humanidade, permeado por valores, concepções e relações de poder. Nessa articulação crítica com a Educação em Saúde, trata-se do “compartilhamento de metas e a formação crítica, autônoma e consciente frente as escolhas de vida saudável e sustentável para si, seu coletivo e ambiente” (Schwingel *et al.*, 2022, p. 346).

Foucault (1993, p. 100) já entendia a sexualidade como um dispositivo relacionado ao tempo, à história: “Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder tenta pôr em xeque [...]. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico”. Para o autor, a sexualidade pode ser compreendida como produção histórica, pois deixa de ser percebida como questão pessoal e privada e passa a ser concebida como questão social e política, do individual ao coletivo, determinada pelo momento histórico e para a qual convergem relações de poder.

Ainda no debate da atividade e alinhados a esses pressupostos, outro estudante comentou: “Quando precisamos cuidar do bebê balão, eu me senti com uma responsabilidade enquanto cuidava dele em casa” (R7US1M13). Nesse debate de responsabilidades, não se pode colocar somente em xeque o papel do professor e da escola, mas também o das famílias, mesmo diante de muitos tabus, pois esses deveriam ser os primeiros educadores sexuais a orientar os adolescentes, o que por vezes não acontece, e essa ação potencializaria diálogos, respeito, empatia e, não menos importante, os modelos de identidade sexual (Egypto, 2012; Guimarães & Cabral, 2022).

Isso reforça que a sexualidade vai muito além do aspecto biológico, da idade, do instinto ou da libido. Ela não deve ser vista apenas como uma parte do corpo. Na verdade, ela é uma energia vital que faz parte da nossa subjetividade e da cultura. É algo completo e integrado, uma construção social que é influenciada pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais pelos quais passamos (Guimarães & Cabral, 2022). Assim, ao identificar que, ao longo da tarefa, os estudantes experimentaram sentimentos de empatia, percebe-se que a experiência mobilizou aspectos afetivos que se converteram em reflexões de responsabilidade coletiva: “Ao cuidar do balão, pude entender como um pai se preocupa com o filho, sempre quando saía sem ele, ficava preocupado, minha irmã poderia estourá-lo, ele poderia sumir” (R2US2F13).

Essas falas indicam que a atividade permitiu transformar um conhecimento que poderia permanecer abstrato – as consequências de uma gravidez precoce – em vivências concretas, favorecendo uma aprendizagem mais efetiva. A percepção de responsabilidade emergiu de modo articulado a sentimentos de cuidado e preocupação, ampliando o entendimento sobre as implicações sociais e pessoais envolvidas na temática. Esse processo de domínio de responsabilidades é próprio do papel de formação dos estudantes numa visão crítica, quando os seus saberes lhes proporcionam autonomia, engajamento e tomada de decisões que são coerentes de uma formação para a cidadania (Andrade & Teixeira, 2025).

Da análise, defendemos que:

- a atividade do “bebê balão” possibilitou vivências aos estudantes para a compreensão de que a sexualidade possui dimensão humana e integral, cuja perspectiva da Educação em Saúde promoveu reflexões críticas a si e ao outro por meio da adoção de responsabilidades;
- a vivência pôs uma ação simulada a uma experiência que envolveu temas como gravidez precoce, cuidado e responsabilidade, habilidades socioemocionais, em que se unem práticas de construção de conhecimento e compromissos sociais; e,
- ao ampliar o debate sobre sexualidade e suas relações com o conhecimento científico e tecnológico, além de cultura e poder, a integração possibilitou uma formação científica crítica, autônoma, ética e de responsabilidade individual coletiva em/para a sociedade.

Portanto, destacamos que a dimensão emocional atravessou todo o processo de aprendizagem, funcionando como catalisadora da reflexão crítica e da construção de novos sentidos sobre sexualidade em Educação em Saúde/CTS para potencializar atitudes, valores, compromisso ético e responsabilidade social. Dessa forma, os apontamos que práticas pedagógicas que integram vivências afetivas e cognitivas contribuem não apenas para o entendimento conceitual, mas também para a formação de posturas empáticas e conscientes frente as desigualdades e desafios vividos por adolescentes, tal como pressupõem a Educação em Saúde no currículo escolar, para uma educação crítica e emancipatória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos resultados dessa intervenção pedagógica possibilitou compreender que as emoções manifestadas pelos estudantes não se configuraram como aspectos periféricos do processo educativo, mas como elementos centrais na construção de saberes críticos sobre sexualidade. As vivências emocionais emergiram como mediadoras da aprendizagem, mobilizando reflexões, significados e atitudes que ultrapassam a mera aquisição de informações, o que implica pressupostos de uma Educação em Saúde que deve ser valorizada no currículo escolar, sobretudo de forma crítica.

Os resultados obtidos evidenciaram que a integração entre emoção e afetividade potencializou a construção de compreensões mais amplas acerca das relações de gênero, da gravidez precoce e da própria responsabilidade diante das escolhas individuais e coletivas. As experiências de tristeza, empatia, surpresa e preocupação revelaram-se como movimentos afetivos que favoreceram a elaboração de posturas críticas e sensíveis, demonstrando que o sentir e o pensar se entrelaçam na formação de sujeitos mais conscientes e reflexivos, além de elementos potenciais de alfabetização científica e tecnológica, de pensamento crítico e das próprias relações entre o conhecimento, tecnológico e suas implicações sociais, cuja interface foi evidenciada na articulação Educação em Saúde e Educação CTS.

Do ponto de vista teórico, este estudo reafirma o potencial da Análise Textual Discursiva como metodologia de pesquisa capaz de desvelar sentidos produzidos nas interações educativas, especialmente quando se trata de fenômenos que envolvem subjetividade e afetividade. Já no campo pedagógico, esta pesquisa aponta para a relevância de práticas de ensino que mobilizem dimensões emocionais e cognitivas de modo integrado, tornando o aprendizado mais significativo e humanizador. Estratégias como o uso de documentários e dinâmicas simbólicas mostraram-se eficazes para promover o engajamento e despertar a empatia dos estudantes diante de temas socialmente sensíveis, revelando um futuro promissor de que mais práticas educacionais de Educação em Saúde estejam no currículo das escolas e sejam trabalhados de forma crítica.

Reconhecemos, contudo, que esta pesquisa foi desenvolvida em um contexto escolar específico, com número limitado de participantes, o que não permite generalizações. Ainda assim, as compreensões emergentes podem inspirar novas investigações em diferentes níveis de ensino, abordando outras temáticas que envolvam a relação entre emoção, cognição e criticidade, especialmente com outros temas que podem ser articulados à Educação em Saúde/CTS. Como implicações da pesquisa, ainda apontamos o papel da escola como um espaço legítimo e propulsor para se trabalhar a temática sexualidade de forma crítica, responsável e acolhedora, no âmbito das suas potencialidades pedagógicas de transformação social na Educação em Saúde/CTS.

Concluimos que o diálogo entre emoção e razão no ensino da sexualidade constitui um caminho fecundo para o fortalecimento de práticas pedagógicas críticas, reflexivas, afetivas e emancipatórias nos mais diversos contextos escolares. Ao reconhecer o sentir como parte indissociável do pensar, a escola se reafirma como espaço de humanização, de diálogo, onde o conhecimento científico se alia à sensibilidade e à empatia na formação de sujeitos éticos, críticos e comprometidos com a transformação social de si mesmos, do outro e da coletividade, por meio de responsabilizações éticas e de formação cidadã.

REFERÊNCIAS

- Andrade, I. S. & Teixeira, P. M. M. (2025). Educação CTS e Educação STEM: uma análise comparativa. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, 25, e54379, 2025. <https://doi.org/10.28976/1984-2686rbpec2025u103131>
- Carneiro, E. C. S., Nascimento Junior, F., Dos Santos, J. P., & Presende, M. S. (2025). Entre o saber e o sentir: saúde emocional nas escolas como pilar para uma educação inclusiva, transformadora e humanizadora. *Aracê*, 7(3), 11799–11815. <https://doi.org/10.56238/arev7n3-099>
- Damiani, M. F., Rochefort, R. S., Castro, R. F. de, Dariz, M. R., & Pinheiro, S. S. (2013). Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. *Cadernos de Educação*, 45, 57-67. <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i45.3822>
- Egypto, A. C. (2012). O Projeto de Orientação Sexual na Escola. In: Egyto, A. C. (Org.). *Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante*. São Paulo: Cortez. p. 9-20.
- Faria, P. M. F., & Camargo D. (2024). Vygotsky's concept of emotion: the indissociability of affective and cognitive aspects in human development. *Estudos de Psicologia*, 41, e230058. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202441e230058>
- Figueiredo, M. F. S., Rodrigues-Neto, J. F., & Leite, M. T. S. (2010). Modelos aplicados às atividades de educação em saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 63(1), 117-121. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672010000100019>
- Foucault, M. (1993). *A história da sexualidade*. A vontade de saber. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- França Filha, N. M., & Vieira, I. S. G. (2021). *A sexualidade como tema tabu e os desafios do trabalho docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental*. 1. ed. Goiânia.
- Gazzinelli, M. F., Gazzinelli, A., Reis, D. C., & Penna, C. M. M. (2005). Educação em saúde: conhecimentos, representações sociais e experiências da doença. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(1), 200-206. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2005000100022>
- Guimarães, J., Cabral, C. da S. (2022). Pedagogias da sexualidade: discursos, práticas e desencontros na atenção integral saúde de adolescentes. *Pro-Posições*, 33, e20200043. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0043>
- Louro, G. L. (2010). Pedagogias da sexualidade. In Louro, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Marinho, J. C. B., & Silva, J. A. (2018). Os modos de estruturação da Educação em Saúde na escola. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, 17(3), 711-731. Recuperado de https://reec.uvigo.es/volumenes/volumen17/REEC_17_3_10_ex1340.pdf

- Masson, L. N.; Silva, M. A. I.; Andrade, L. S. de; Gonçalves, M. F. C.; Santos, B. D. dos. (2020). A educação em saúde crítica como ferramenta para o empoderamento de adolescentes escolares frente às suas vulnerabilidades em saúde. *Revista Mineira de Enfermagem*, 24, e-1294.
<https://doi.org/10.5935/1415-2762.20200023>
- Moraes, R., & Galiuzzi, M. C. (2016). *Análise Textual Discursiva* (3. ed.). Editora Unijuí.
- Moreira, M. A. (2011). *Mapas conceituais e aprendizagem significativa*. Instituto de Física – UFRGS.
- Mosquera, J. A.; García, J. J. G. (2021). Concepções de professores na formação inicial de ciências naturais para a educação em sexualidade e afetividade. *Revista Brasileira de Ensino de Biologia da SBEnBio*, 14(1), 55-75.
<https://doi.org/10.46667/renbio.v14i1.553>
- Nogueira D. L.; Sousa, M. S.; Dias, M. S. A.; Pinto, V. P. T.; Lindsay, A. C.; Machado M. M. T. (2022). Educação em Saúde e na Saúde: conceitos, pressupostos e abordagens teóricas. *Sanare: Revista de Políticas Públicas*, 21(2), 101-109.
<https://doi.org/10.36925/sanare.v21i2.1669>
- Paula, G. N., & Miranda, M. A. G. C. (2020). A abordagem de sexualidade e gênero na disciplina de ciências no currículo de São Paulo: análise dos cadernos do professor e aluno. *ACTIO: Docência em Ciências*, 5(2), 1-22.
<https://doi.org/10.3895/actio.v5n2.10920>
- Ribeiro, J. G. da C. G., & Batista, N. A. (2021). O paradigma Construcionista e as Metodologias Ativas na Educação em Saúde. *Revista Portal: Saúde E Sociedade*, 5(3), 1563–1576. <https://doi.org/10.28998/rpss.v5i3.11200>
- Rodrigues, T. da S., Paula, C. B. de, & Sangiogo, F. A. (2026). O itinerário formativo com base na educação CTS e a análise da mobilização de conhecimentos docentes. *ACTIO: Docência em Ciências*, 11(1), 1-20.
<https://doi.org/10.3895/actio.v11n1.19350>
- Schwingel, T. C. P. G., Dattein, R. W., & Araújo, M. C. P. de. (2022). Educação em saúde e o enfoque ciência, tecnologia, sociedade e ambiente na educação profissional e tecnológica. *Vivências*, 18(36), 341–353.
<https://doi.org/10.31512/vivencias.v18i36.715>
- Spindola, T., Santana, R. S.C., Antunes, R. F., Machado, Y. Y., & Moraes, P. C. (2021). A prevenção das infecções sexualmente transmissíveis nos roteiros sexuais de jovens: diferenças segundo o gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(7), 2683-2692. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.08282021>
- Venturi, T. (2022). Educação em saúde na escola: um campo de estudos e práticas no Brasil. In Silva, R. A. R., & Venturi, T., eds. *Pesquisas, vivências e práticas de educação em saúde na escola*. Chapecó: Editora UFFS. p. 17-35.
- Venturi, T., & Mohr, A. (2021). Panorama e Análise de Períodos e Abordagens da Educação em Saúde no Contexto Escolar Brasileiro. *Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências*, 23, e33376. <https://doi.org/10.1590/1983-21172021230121>

Recebido: 30 out. 2025
Aprovado: 06 abr. 2026
DOI: <https://doi.org/10.3895/actio.v11n2.21123>

Como citar:

Callou, D. M. P., Lameirão, S. V. O. C, Rodrigues-Moura, S., & Mesquita A. S. de. (2026). A sexualidade na interface educação em saúde e educação CTS: uma reflexão crítica da docência. **ACTIO**, 11(2), 1-19. <https://doi.org/10.3895/actio.v11n2.21123>

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.



Received: Oct. 30, 2026
Approved: Apr. 6th, 2026
DOI: <https://doi.org/10.3895/actio.v11n2.21123>

How to cite:

Last name, First name (2026). Sexuality at the interface of health education and STS education: a critical reflection on teaching. **ACTIO**, 11(2), 1-19. <https://doi.org/10.3895/actio.v11n2.21123>

Copyright: This article is licensed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.

